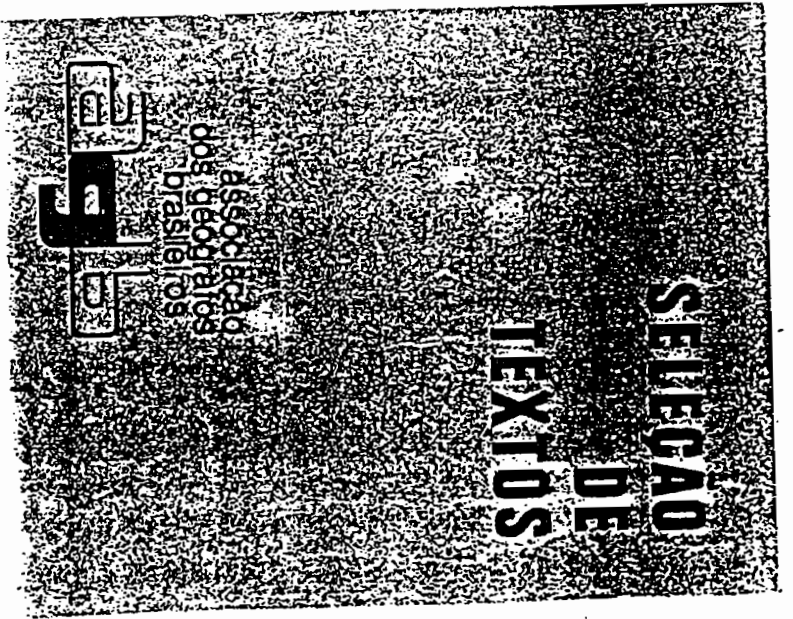


3ª edição

OLIVEIRA, A. U. de. Apresentação ou de "na prática a teoria é outra" para a teoria na não pode e não deve ser outra. Seleção de textos (Teoria e Método). N. 11, São Paulo: AGB/SP-AGB DEN, 1985, p. I-V



11

4.1.2.14

teoria e método

apresentação

ARIVALDO U. OLIVEIRA

pesquisa e trabalho de campo

YVES LACOSTE

o geógrafo e a pesquisa de campo

BERNARD KAYSER

APRESENTAÇÃO OU
DE "NA PRÁTICA A TEORIA É OUTRA" PARA A TEORIA NA PRÁTICA NÃO
PODE E NÃO DEVE SER OUTRA

Este número 11 de Seleção de Texto traz dois textos referentes ao método de pesquisa em Geografia. Mais que isso eles trazem o questionamento do saber geográfico produzido. Trazem a necessidade da conscientização de que a neutralidade do cientista não existe, e que se torna necessário que nos coloquemos também como cidadãos que somos, ao realizar nossas pesquisas.

Daí sua importância para todos nós preocupados com a produção do conhecimento na Geografia brasileira. Eles serão certamente, instrumentos para reflexão sobre nossa produção intelectual. É por isso que a Associação dos Geógrafos Brasileiros assume o papel de divulgá-los entre nós.

O primeiro deles, de autoria de YVES LACOSTE "A pesquisa e o trabalho de Campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos" faz parte de uma série de trabalhos publicados pela revista Hérodote cujo objetivo tem sido desmistificar a "Geografia dos Professores", este saber asséptico e inodoro que os professores do ensino fundamental, médio e superior tem veiculado sob o rótulo da Geografia.

LACOSTE retoma a discussão de um outro artigo seu sobre Pierre Gourou e seu "Le paysans du Delta du Tonquinois", escrito em 1936, no qual o geógrafo francês tece a "beleza" da miséria deste povo asiático. LACOSTE retoma a questão para esclarecer aquelas que não concordam com as críticas feitas e que de certa forma o acusaram de tentar ridicularizar o geógrafo GOUROU.

LACOSTE esclarece que não se trata de ridicularizar este ou aquele, mas se trata de colocar no seu devido lugar o saber produzido pelos geógrafos franceses. Neste particular mostra como GOUROU não viu, ou não quis ver, a miséria, a dominação em que os habitantes do delta do rio Vermelho viviam. E mesmo depois, quando da guerra com a França, ou posteriormente quando da guerra contra os E.U.A., nada fez GOUROU, ou nada falou para denunciar o massacre a que os "belos camponeses do Delta" foram expostos.

LACOSTE esclarece mais, ao lembrar a nós geógrafos, que entre os alunos vietnamitas de GOUROU, no Liceu de Hanoi, esteve o estrategista da vitória contra franceses e americanos, GIAP.

É este silêncio que caracteriza os geógrafos quanto às transformações que o mundo vive que LACOSTE mostra de forma clara e objetiva.

Seu texto não fica só na denúncia da ideologia mitificadora presente nos trabalhos dos geógrafos, ele vai além e apresenta uma proposta de transformação democrática da relação de pesquisa propondo que os geógrafos retomem o trabalho de campo com seus alunos. É esta tarefa é antes de tudo metodológica. Pois, é no trato direto do trabalho de campo que os estudantes farão o aprendizado do método materialista dialético de investigação.

Mas LACOSTE não para aí, ele coloca que é preciso ir além da pesquisa pura, é preciso voltar ao campo, é preciso de certa forma apresentar e discutir com a população objeto da pesquisa seu resultado. Assim, aponta a "expedição/exposição" como o caminho para se chegar a estes objetivos. Por fim ele alerta para o fato de que não basta apenas a prática do trabalho de campo, mas é preciso também o aporte teórico, enfim, o exercício da relação dialética entre a prática e a teoria é vice-versa.

O segundo texto é de autoria de BERNARD KAYSER cujo título é "O geógrafo e a pesquisa de campo". Ele deve ser incluído também naquele conjunto de textos que os geógrafos tem produzido ultimamente, com o objetivo de esclarecer o método de investigação. A incorporação da citação de MAO TSE-TUNG é fundamental para entendermos o materialismo dialético como indicou KAYSER. O método é certamente, o caminho através do qual articulamos os conceitos componentes de uma teoria. E entre nós, muito tem articulado (ou tenta articular) os conceitos do materialismo histórico numa perspectiva materialista dialética. Outro grande número de geógrafos tem na verdade, continuado a seguir, no processo de produção do conhecimento, o método positivista, embora articulando conceitos do materialismo histórico. Fazem, na realidade, uma leitura positivista da obra de MARX, (quando o fazem). Daí a importância do texto de KAYSER, ele traz para a discussão a questão do método de investigação e prioriza a pesquisa de campo como fundamental.

Na realidade o que há de importante é o fato de KAYSER colocar em discussão o método materialista dialético. O mesmo que MAO TSE-TUNG propõe aos marxistas.

Neste particular cabe uma explicação para o entendimento da posição de MAO. Para ele, e para os marxistas, o materialismo dialético e o materialismo histórico são as ferramentas de trabalho através das quais conhece-se a realidade para transformá-la. Daí a necessária vinculação com a prática:

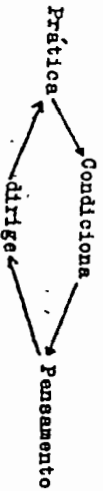
"...a teoria depende da prática, ... a teoria fundamenta-se sobre a prática e por sua vez, serve à prática. A verdade de um conhecimento ou de uma teoria está determinada não por uma apreciação subjetiva, mas pelos resultados objetivos da prática social. O critério da verdade só pode ser a prática social. O ponto de vista da prática é portanto de vista primeiro, fundamental, da teoria materialista-

ta-dialética do conhecimento."

(MAO TSE-TUNG - "Sobre a Prática" - pág. 69)

Assim, não se pode acusar este procedimento de empirista, e MAO mesmo o rebateu. Trata-se de entender que o processo empírico de produção do saber apenas contempla a transposição da realidade para a mente do pesquisador, que protegido pelo manto da neutralidade científica reproduz o real observado.

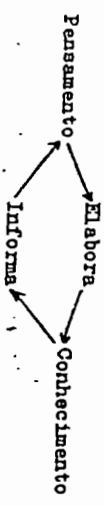
Senão, vejamos de forma esquemática:



Passa-se pois, a idéia de que não há interferência do pesquisador propriamente dito sobre a realidade pesquisada. É como se que o que ele escreve não depende dele, está na realidade. Isto é o empirismo. E não é isto que MAO propõe. Equivocam-se aqueles que pensam assim.

Também não se trata de cair no outro polo da produção do conhecimento: o idealismo. Em geral, são os idealistas que tem criticado MAO de empirista.

Para os idealistas também de forma esquemática o conhecimento é produzido a partir do seguinte movimento:



Ou seja, não há a necessidade de se voltar à realidade, o conhecimento é eminentemente teórico. Aqui há que se separar o co-

nhecimento do senso comum, a que se separar a prática da teoria.

MAO, seguramente, segue outro caminho e é bom que se acredite com todas as letras, trata-se de um revolucionário.

O caminho seguido por MAO foi também de forma segura e pontado por CALO PRADO JR em seu livro "Dialética do Conhecimento":



Ou seja, a prática é o ponto de vista primeiro e fundamento da teoria materialista dialética do conhecimento.

Trazar esta questão à discussão é a nosso ver, a grande contribuição do texto de KAYSER. E ele tem razão ao tomar de MAO a assertiva de que o critério da verdade só pode ser a prática social.

Dessa forma LACOSTE e KAYSER apresentam para debate os caminhos para pesquisa geográfica. É necessário agora, que nós façamos a sua discussão, que nós exercitemos as propostas e muito mais que isso que nós avançemos em relação a estas propostas, pois só assim encontraremos o caminho da transformação de nossa sociedade.

Arlovaldo Umbelino de Oliveira
Agosto 1985

